

Carta aberta aos líderes do G20

Quando um sistema financeiro global permite que bilhões de dólares de dinheiro roubado ou fruto da corrupção sejam usados sem controle em todo o mundo, algo está errado. Quando o sigilo financeiro ajuda a tirar da África US\$ 50 bilhões a cada ano, algo está errado. Quando os pobres deste mundo vêem a riqueza de seus países escoarem além de suas fronteiras, algo deve ser feito.

Esta é a nossa mensagem para vocês, como líderes do G20: ao fazerem um balanço, em novembro, das condições do sistema financeiro do mundo, vocês devem resolver as falhas que ainda permitem aos corruptos operar com impunidade e desviar verbas. Para alcançar a meta de 2% de crescimento do PIB coletivo acima da tendência é necessário lembrar que o crescimento deve ser inclusivo e sustentável. Na Cúpula de Brisbane vocês devem colocar os cidadãos no centro das suas tomadas de decisões.

Enquanto houver lugares no sistema financeiro global para onde os fluxos financeiros ilícitos são enviados e com pessoas para ajudar a esconder estes fundos haverá milhões em todo o mundo que continuarão a sofrer. Vocês, os líderes das maiores economias do mundo, devem fazer o sistema financeiro global servir aos seus cidadãos.

Pelo menos um trilhão de dólares é retirado a cada ano de países em desenvolvimento. Os autores deste "escândalo de trilhões de dólares" raramente são encontrados, tampouco confrontados. A ONU estima que as taxas globais de detecção de fundos ilícitos, por via legal, são muito baixas, algo em torno de 1%. No entanto, existem várias ações de senso comum para tornar mais difícil para os criminosos ocultarem os frutos da atividade criminosa. Vocês já fizeram a parte mais pesada do trabalho.

O G20 declarou que colocar foco sobre a propriedade corporativa é uma prioridade. Hoje as empresas anônimas, jurisdições sigilosas e estruturas de propriedades corporativas sombrias representam os principais métodos utilizados por corruptos ou sonegadores de impostos, para transferirem seus fundos e mascararem sua identidade. Os governos do G20 devem coletar e publicar a identidade real das pessoas que atualmente possuem e controlam empresas e outras entidades legais e, assim, facilitar o rastreamento da origem dos recursos corruptos ou ilícitos. Vocês, como líderes do G20 presentes em Brisbane, poderiam dar um passo ousado e se comprometerem a desmascarar os corruptos.

O G20 concordou que os lucros devem ser tributados “onde ocorrem as atividades econômicas e o valor é criado” para garantir que os países, especialmente os países em desenvolvimento, não percam a riqueza dos seus recursos e trapaceiem seu povo. É fundamental que as empresas multinacionais sejam mais transparentes sobre suas operações. Elas devem publicar informações sobre receitas, lucros, número de funcionários, o passivo fiscal e os impostos pagos em cada país. Esta informação deve ser pública para que os cidadãos possam avaliar o impacto das empresas em suas comunidades e examinar onde o dinheiro está sendo gerando e, possivelmente, desviado. A opacidade no sistema financeiro global serve como uma cortina de fumaça para esconder a corrupção e outros crimes, mas o G20 tem a oportunidade de lançar luz sobre este sistema e tornar mais difícil de se ocultarem os fluxos ilícitos de recursos. Para que não se esqueça: as principais vítimas do crime organizado, da corrupção, da fraude e evasão fiscal são os cidadãos mais pobres do mundo. Coloquem as pessoas no centro das suas decisões em Brisbane na próxima semana.

Com os nossos melhores cumprimentos,

1. Raymond W. Baker, President, Global Financial Integrity
2. Winnie Byanyima, Executive Director, Oxfam International
3. John Christensen, Director, Tax Justice Network
4. Rev. Tim Costello, CEO, World Vision Australia and Chair of the Civil 20 (C20)
5. Jamie Drummond, Co-Founder, The ONE Campaign
6. Joel Edwards, International Director, Micah Challenge
7. Professor the Hon Gareth Evans AC QC, Chancellor, Australian National University
8. Matthew Frost, Chief Executive, Tearfund
9. John Githongo, CEO Inuka Kenya Nisisi Ltd, former Permanent Secretary, Governance and Ethics, Office of the President of Kenya
10. Robert Glasser, Secretary General, CARE International
11. Richard Goldstone, Retired Justice of the Constitutional Court of South Africa
12. Manzoor Hasan, Chair, UN Convention against Corruption (UNCAC) Coalition
13. Gavin Hayman, Executive Director, Global Witness
14. Tawakkol Karman, 2011 Nobel Peace Prize Laureate & Founder, Women Journalists Without Chains
15. Daniel Kaufmann, President, Natural Resource Governance Institute (NRGI)
16. Caroline Kende-Robb, Executive Director, Africa Progress Panel
17. Akaash Maharaj, Executive Director, Global Organization of Parliamentarians Against Corruption
18. Loretta Minghella, Chief Executive, Christian Aid
19. Alvin Mosioma, Chair, Financial Transparency Coalition
20. Archbishop Njongo Ndungane, President and Founder, African Monitor
21. Salil Shetty, Secretary General, Amnesty International
22. Oriana Suárez, Latin American Network on Debt, Development and Rights
23. Cobus de Swardt, Managing Director, Transparency International
24. Archbishop Desmond Tutu, 1984 Nobel Peace Prize Laureate and former Archbishop of Cape Town
25. Jasmine Whitbread, CEO, Save the Children